

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER

REFORMED THEOLOGICAL SEMINARY

CRISTIANISMO VS. UFC: UMA BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO À TEOLOGIA DA VIOLÊNCIA

POR

JOÃO PAULO THOMAZ DE AQUINO

SÃO PAULO

2013

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER

REFORMED THEOLOGICAL SEMINARY

CRISTIANISMO VS. UFC: UMA BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO À TEOLOGIA DA VIOLÊNCIA

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper e ao *Reformed Theological Seminary*, em cumprimento parcial às exigências para a obtenção do Grau de Doutor em Ministério.

POR

JOÃO PAULO THOMAZ DE AQUINO

SÃO PAULO

2013

CRISTIANISMO VS. UFC: UMA BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO À TEOLOGIA DA VIOLÊNCIA.

INTRODUÇÃO

Se alguém fosse fazer um filme da narrativa bíblica, com cenas explícitas de tudo o que é narrado ali, certamente o filme teria muitas cenas de crua violência. Por exemplo, bem no começo do filme veríamos [Abel](#) matando um animal e oferecendo o sangue dele a Deus. Logo em seguida teríamos um [fratricídio](#): [Caim](#) enganando e matando seu irmão Abel. Logo depois veríamos [Lameque](#), com seu prazer mórbido e poético na violência desmedida: “*Matei um homem porque me feriu, matei um moço porque me machucou.*” (Gn 4.23-24, NTLH). Algumas cenas depois veríamos um [dilúvio](#) de proporções terríveis matando todo ser vivente sobre a terra: imagine multidões de corpos de homens e de animais flutuando desfigurados e decompostos sobre as águas bravias? Veríamos [Abraão](#) fazendo guerra para libertar Ló, uma cerimônia cruenta na qual um bebê de oito dias tem seu [prepúcio cortado](#), os homens de [Sodoma](#) querendo sodomizar anjos e a [destruição de Sodoma e Gomorra](#) por meio de fogo e enxofre. Veríamos também um [pai erguendo o cutelo para sacrificar seu filho adolescente](#), e isso somente nos primeiros 22 capítulos do primeiro livro! A Bíblia é um livro que contém violência.

Se é assim, será que temos passe livre para assistir e praticar qualquer tipo de violência? Será possível encontrar na Bíblia instrução a respeito do contato que podemos ter com cenas violência ou até mesmo do contexto no qual podemos usar violência?

O objetivo deste trabalho é prover uma análise bíblica preliminar da violência com um foco específico nas MMA. MMA são as iniciais para *Mixed Martial Arts* (Artes Marciais Mistas). A definição da maior organização mundial de MMA, o *Ultimate Fight Combat* (UFC) é assim:

“Artes marciais mistas” significam combates desarmados envolvendo o uso, sujeito a quaisquer limitações estabelecidas nessas Regras Unificadas e outros regulamentos aplicáveis pela Comissão, de

uma combinação de técnicas de diversas disciplinas das artes marciais, incluindo, e sem limitação, o agarramento, golpes de finalização, chutes e ataques efetivos.¹

Para termos outra definição do esporte, vejamos Chever (2009, p. 26): Artes marciais mistas (MMA) é uma forma extrema de luta competitiva na qual dois homens – vestindo somente shorts e pequenas luvas – lutam em uma jaula ou ringue com o objetivo de nocautear, sufocar ou sujeitar (finalizar) seu oponente.

Ao contrário do que alguns imaginam, e do que sugere um dos nomes pelos quais a luta ficou conhecida no Brasil, Vale Tudo, existem regras nas MMA, que podem ser conferidas no site oficial do UFC.² Criado em 1993, o UFC tem ganhado cada vez mais espectadores, atingindo milhões de pessoas e tendo-se transformado em uma indústria que move muitos milhões de dólares (ACEVEDO e CHEUNG, 2011, p. 29), chegando a ser avaliado como um negócio de US\$ 1,5 bilhão em 2010 (SILVEIRA, 2011, p. 13). O MMA já desbancou o Boxe como esporte de combate favorito de jovens adultos (CHEEVER, 2009, p. 25). Em suma, como afirmam Alvarez e Marques (2012, p. 1) comentam: “Agressivo e violento, muitas vezes sangrento e impiedoso, o MMA surge como um esporte/espetáculo de alta inserção midiática e social.”

Dentre os milhões de espectadores há muitíssimos cristãos, inclusive o famoso pastor americano Mark Driskoll (MARTY, 2007, p.47). Há também lutadores que professam o nome de Jesus Cristo, casos de Randy Couture, Jason Barret, Ron Waterman (MARTY, 2007, p.47), Vitor Belfort, Erick Silva e Edson Barbosa Junior. Algumas igrejas estão aproveitando as MMA até mesmo como um tipo de ministério, visando para atrair jovens (CARTER, 2012, p. 56). Ted Kluck (2012, p. 56-57), treinador de futebol americano, missionário e boxeador amador, testemunha como as MMA ajudam-no em sua vida cristã. Ele afirma que a qualidade estética do MMA é inferior à do boxe, mas que o nível de violência que ele presenciou no futebol americano é maior do que a violência das artes marciais. Kluck afirma também que consegue ver nas artes marciais qualidades como coragem, sacrifício, honra, trabalho em equipe e a simples alegria de competir com os dons que Deus nos dá.

¹ <http://br.ufc.com/discover/sport/rules-and-regulations>

² <http://br.ufc.com/discover/sport/rules-and-regulations>

Do outro lado do octógono, há diversos cristãos, bem como não cristãos, que afirmam que as MMA passam do nível de violência e de humanidade permitidos a um ser humano. Dessa forma, o MMA já foi caracterizado de “um esporte sanguinário e brutal” (MARTY, 2007, p.47). Já o ex-candidato a presidência dos Estados Unidos, senador John McCain, caracterizou o MMA de “briga de galo humana” e lutou com sucesso para aprovar leis restritivas à prática em alguns estados americanos (MARTY, 2007, p.47). Peter Wood, ex-lutador de boxe afirma que MMA não é um esporte, mas um espetáculo perverso, voyeurístico e grotesco de dois rapazes enormes e tatuados em uma gaiola socando um ao outro. Esse mesmo Peter Wood afirma que nos esportes homens tornam-se meninos; no boxe, meninos se tornam homens; mas no MMA, meninos se tornam animais. Boxe é um refinamento da luta de rua, MMA abaixa o nível e nossa cultura jovem gosta disso. Talvez, quanto mais rarefeita e estéril uma cultura se torne, maior seja a necessidade de afundar-se na lama (SCROOTH, 2006, p. 18). Morin (2012, p. 57), ex-lutador de MMA, espousa uma posição menos radical, mas ainda assim, contrária à prática. Ele afirma que a prática ensinou-lhe virtudes como gratidão por um corpo saudável e pela comida nutritiva, a competição ensinou-lhe humildade, e o tempo para curar-se das feridas ensinou-lhe paciência. Ainda assim, Morin afirma que o caráter vicário atribuído por alguns expectadores e o voyeurismo envolvido na atividade são impeditivos para um cristão.

Em suma, as Artes Marciais Mistas (MMA) são extremamente violentas; são um mercado que move milhões em apostas, pay-per-views e licenciamentos de produtos e são palco de mulheres usando biquínis e se insinuando para a plateia. Ao mesmo tempo há diversos cristãos que assistem e gostam muito dos combates, há lutadores cristãos e vários desses inclusive utilizam-se da fama obtida como lutadores para dar testemunho público de sua fé. Em meio a tudo isso a pergunta é válida: o cristão deve envolver-se, como espectador ou lutador, com MMA?

UMA BREVÍSSIMA HISTÓRIA

Artes marciais levam este nome em honra a Marte, deus romano da guerra. E é neste contexto, primariamente, que as artes marciais nasceram e desenvolveram-se, como um

treinamento e preparação para guerras (CARTER, 2012, p. 56). Diversos estilos diferentes de luta foram desenvolvidos em várias partes do mundo e, muitas delas, eram meios de preparação do ser humano e não somente transmissão de técnicas de luta.

A história das MMA, mais propriamente ditas, está ligada ao Jiu Jitsu e ao Brasil. Em 1914 chegou ao Brasil o imigrante japonês Mitsuo Maeda (Conde Koma), lutador de Judô, que saiu pelo mundo com o objetivo de mostrar a superioridade de seu estilo de luta frente à outros estilos. Conde Maeda fixou residência em Belém, onde foi ajudado a se estabelecer por Gastão Gracie, importante empresário do ramo da borracha. Como retribuição, Conde Koma ensinou o filho de Gastão, Carlos Gracie, a técnica de luta chamada de Jiu Jitsu, técnica essa ancestral do Judô.

Aprendida a técnica, Carlos Gracie mudou-se pra a então capital do País, o Rio de Janeiro e abriu uma academia. Seu irmão, Hélio Gracie, franzino, adaptou as técnicas ao seu porte físico. Na década de 1920 os irmãos Gracie começaram a fazer desafios a lutadores de qualquer estilo, a fim de mostrarem a superioridade de sua técnica de Jiu Jitsu. Como eram combates entre diferentes técnicas, as lutas eram praticamente sem regras, era o nascimento do vale-tudo, ancestral das MMA.

Estes desafios tornaram-se cada vez mais conhecidos, uma vez que a superioridade da técnica dos Gracie ficava comprovada. Assim, os desafios passaram a ser internacionais e ganharam grande repercussão midiática, tendo tido combates nos estádios do Pacaembu e Maracanã inclusive com a presença do presidente Getúlio Vargas (ALVAREZ; MARQUES, 2011, p. 4).

A história avança até a década de 1980, com Rorion Gracie, filho de Hélio, morando nos Estados Unidos, ensinando a técnica do Jiu Jitsu “brasileiro” aos americanos. A tática de divulgação não mudou. Assim, pequenos torneios de vale-tudo eram organizados por Rorion. Estes torneios foram crescendo e em 1993 foi criada a primeira competição oficial de MMA. O torneio ganhou o nome de *Ultimate Fight Championship*. O sucesso do torneio foi muito grande e da técnica dos Gracie também, uma vez que Roice, filho franzino de Hélio ter sido o representante do Jiu Jitsu brasileiro, e ter saído vencedor do campeonato em várias edições, mesmo lutando contra oponentes mais fortes e musculosos.

No final da década de 90, devido à sua popularidade crescente, os campeonatos de MMA atraíram a atenção de muitos e, por causa de sua violência extrema, tornaram-se alvo de muitas críticas de diversos setores da sociedade americana, inclusive do então senador John McCain. Assim, as lutas foram tiradas do ar. Em 2001, entretanto, a marca UFC e o torneio foram vendidos a Dana White e aos irmãos Fertitta, Lorenzo e Frank. Estes três tiveram o trabalho de colocar mais regras no esporte e promovê-lo com marketing agressivo. O resultado é que conseguiram transformá-lo de esporte underground em uma empresa de extremo sucesso, franquias e dinheiro. Os lutadores transformaram-se em estrelas internacionais e angariaram fãs de todas as idades, sexos e lugares do mundo.

Dessa forma, o MMA tornou-se famosíssimo e, transformado em empresa, também tornou-se um grande negócio de mídia e de público.

O MMA/UFCE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXO

No ano 2000, os pesquisadores Michael A. Messner, Michele Dunbar e Darnell Hunt (2000) fizeram uma análise da programação esportiva dos canais de televisão norte americanos e chegaram àquilo que eles chamaram de a fórmula de masculinidade dos esportes televisionados. A análise dos valores que compõe essa fórmula levou em conta critérios como aquilo que era admirado por locutores e comentaristas, as pessoas que apareciam e as situações em que estavam, os comerciais, as figuras de linguagem utilizadas. O resultado dessa análise foi o seguinte:

O que é um homem de verdade? Um homem de verdade é forte, durão, agressivo e, sobretudo, um vencedor naquilo que ainda é um mundo de homens. Para ser um vencedor ele precisa fazer aquilo que deve ser feito. Ele deve estar disposto a comprometer em longo prazo sua própria saúde, a fim de demonstrar coragem face ao perigo, lutando com outros homens quando necessário, e “jogando no sacrifício” que está machucado. Ele deve evitar ser bonzinho; ele deve ser o agressor, tanto nas “arenas” (campos de batalha) esportivas, quanto em suas escolhas de consumo. Independente de ele está jogando ou escolhendo quais comida ou produtos de carro comprar, sua agressividade vai conseguir para ele o prêmio máximo: a adorável atenção de mulheres convencionalmente bonitas. Ele saberá se e quando atingiu o posto de homem de verdade, quando as vozes de autoridade – homens brancos – lhe disserem que ele é um homem de verdade. Mas mesmo quando ele finalmente conseguir ganhar o melhor prêmio, quanto tiver o melhor carro, beber a cerveja certa, e estiver rodeado de mulheres

bonitas, ele será lembrado por essas mesmas vozes de autoridade o quão frágil sua verdadeira masculinidade é: no fim das contas, ele terá que provar a si mesmo novamente amanhã. Você é tão bom somente quanto o seu último jogo (ou última compra) (MESSNER, DUNBAR, HUNT, 2000, p. 390).

Os articulistas do artigo acima citado afirmam ainda que era nos programas de luta livre, pseudo-esporte cheio de encenação teatral, que todas essas qualidades eram unidas e epitomizadas. Creio que essa epítome da masculinidade, agora, é demonstrada não nas lutas livres, mas naquele cujo slogan muito revela sobre sua natureza: *as real as it get's* (tão real quanto pode ser), o UFC.

MMA COMO UMA RELIGIÃO PARA OS PRATICANTES HARDCORE

O mundo MMA é composto de personagens de diferentes grupos e várias facetas. Tais grupos “usam” a prática com objetivos diferentes. Por um lado há os lutadores, ou guerreiros, o chamado lado *hardcore*. Aqui encontram-se os mais diversos lutadores, famosos e incógnitos, que participam de diversos torneios e vêm na prática sua chance de galgarem alguma ascensão social e respeito da sociedade. Há também os praticantes *softcore*, aqueles que praticam o esporte em academias finas e não participam de campeonatos, mas apenas o praticam por gosto. Ainda no lado *softcore* existem os espectadores e consumidores de MMA. Estes são os financiadores da prática, comprando produtos licenciados, lutas por pay-per-view e sendo explorados pelas empresas que usam as lutas para divulgação de produtos. Finalmente, há também aqueles que são os responsáveis por tornar o outrora escanteado MMA em um produto de extremo sucesso, os empresários da empresa mais famosa de MMA, UFC e os empresários ligados aos competidores e aos produtos que circulam por este meio. Neste tópico vamos analisar as características religiosas do MMA para os praticantes *hardcore* e, no próximo, para os *softcore*.

Como é comum na maioria dos esportes, as MMA também têm as suas histórias de superação. A história clássica do menino pobre que se tornou famosíssimo por ser bom naquela prática repete-se frequentemente nas MMA. Por causa dessas histórias e do que se propaga a respeito da disciplina que os esportes ensinam, é comum que mestres de MMA recrutem crianças pobres, pensando em resgatar-lhes e dar-lhes novas oportunidades e há testemunhos de que isso de fato acontece, mesmo com aqueles praticantes que não se tornam famosos. Esse processo é chamado de recrutamento e está vinculado às origens das MMA no Brasil. Silveira (2011, p. 46) explica que, já na década de 1930, Carlos Gracie recrutava pessoas para apresentá-las como campeões em lutas de Vale Tudo, visando demonstrar a superioridade do Jiu-Jitsu brasileiro sobre as demais modalidades:

Com as consecutivas vitórias do Jiu-Jitsu sobre outras modalidades observadas na década de 1930, o mercado do Jiu-Jitsu Brasileiro começou a se formar, e o recrutamento passou a ser um comportamento apreendido pelos novos membros. Assim, uma vez imerso no universo cultural do Jiu-Jitsu, o indivíduo aprendia a ser um recrutador, e este comportamento se repetia no momento em que migrava para a prática do Vale Tudo e, posteriormente, do MMA. [...] Este movimento é cíclico e muitos dos atletas/alunos/treinadores que pertencem a esta subcultura foram arregimentados e incentivados. Então, uma vez inseridos neste universo cultural e imersos nos valores do grupo, sentem-se impelidos a também influenciar outras pessoas.

Também Novaes (2012, p. 574) cita dois depoimentos que nos ajudam aqui e ver o aspecto de redenção que os praticantes *hardcore* atribuem ao MMA:

Se a luta não tivesse me dado a oportunidade de ganhar o mundo e ter mobilidade social talvez estivesse envolvido com o mundo do samba, da malandragem, porque eu ia sempre nos ensaios, meu pai, que é alfaiate, é um cara bem conhecido nesse meio, sei lá.... tenho muito orgulho da minha origem, mas sei que de onde eu vim é preciso ter sagacidade pra sobreviver e se dar bem e a luta me deu isso, viajei, comprei e conquistei coisas... nem sei onde eu estaria se não lutasse e praticasse o bem.

A luta foi muito importante na minha formação, ela ajudou a formatar a minha personalidade e o meu caráter como homem, reforçando valores como a hombridade e o respeito. Além disso, me deu autonomia financeira, reconhecimento, notoriedade e visibilidade até eu poder criar a minha equipe e passar para eles a minha técnica.

Note a semelhança entre os processos acima descrito e o processo de conversão religiosa em que a pessoa encontra sentido para a vida e passa a fazer proselitismo, buscando conquistar mais adeptos para a sua religião. Ainda nesse sentido, como é comum nas artes marciais, o MMA também tem os seus valores entre os praticantes: disciplina, força de vontade e esforço (SILVEIRA, 2011, p. 46). Há também um forte senso de comunidade entre os praticantes da modalidade que pertencem a uma mesma academia:

“Quando um erra, todos pagam” foi uma das frases mais ouvidas nas tardes passadas na academia. Se um erra o exercício, todos devem “pagar” com flexões. Se um atleta está cansado, todos devem estimulá-lo a continuar. Às vésperas de uma luta, todos os outros atletas se dedicam a ajudar aquele que vai competir. E no dia da luta é possível observar a presença maciça da equipe visando dar apoio moral ao competidor. Este é o senso de *communitas*, que faz com que os membros do grupo se sintam parte igualitária de um todo.

As relações cotidianas, as conversas que antecedem os treinos, as histórias contadas sobre lutadores de outras academias, os relatos de lutas transmitidas no final de semana são uma fonte riquíssima de material cultural. É a oportunidade para que os novatos aprendam sobre este universo, é o momento em que os veteranos deixam clara a sua condição de membro do *hardcore*. Nestes momentos, aparentemente inocentes, é que se dão as demonstrações implícitas de quem é o referencial de identidade e quem é o aspirante a ela. (SILVEIRA, 2011, p. 48).

O aspecto comunitário, chamado de sentimento de pertencimento, também chamou a atenção da pesquisadora Joana de Vilhena Novaes (2012, p. 569). Ela reparou que os lutadores formam um grupo coeso, comparável a uma fratria, irmandade ou família. Note o depoimento colhido por ela. “O treino é duro tem que ter disciplina até criar resistência, mas somos todos parceiros, temos cumplicidade e respeito, pois isso aqui acaba sendo uma grande família, vira tudo brother, a equipe serve para dar suporte e tem o mestre que nos transmite os seus ensinamentos a cada treino”.

Além de podermos constatar a questão do senso de comunidade, também se pode ver no trecho da análise de Silveira e na citação de Novaes que há um corpus de ensino que é transmitido oralmente pelos mestres e entre os praticantes das MMA, bem como diferentes status entre os praticantes, havendo aqueles que doutrinam, e aqueles que são doutrinados.

Silveira (2011, p. 42) mostra também como o espaço em si, a academia, também tem um papel importante para aqueles que ali treinam. Veja:

Contudo, ao longo do processo de aculturação, ficou clara a distinção que os membros do *hard core* fazem com relação às academias “dos guerreiros” e as academias da moda. Esta distinção é apreendida por aqueles que buscam uma maior identificação com a subcultura, e ao longo processo de aculturação, se verificou um grande fluxo migratório de alunos de academias de “luxo” para a chamada “Caverna do Dragão”, apelido dado pelos lutadores da Pejor ao gym, em uma referência ao espaço pequeno e com pouca circulação de ar, e ao elemento que constitui a logomarca da academia – um dragão preto dentro de um círculo vermelho. Algumas notas de campo demonstram esta questão: Dia de verão, muito calor. A turma, em treinamento, suava muito e alguns alunos, em tom de brincadeira, comentaram que era necessário instalar um equipamento de ar condicionado na academia. O treinador Nenzão respondeu de imediato: “Quer moleza? Te dou o endereço de onde tem luxo. Anota aí.” E na sequência disse o nome e a localização de duas outras academias no bairro. Completou dizendo: “Agora, se você quer aprender a lutar, é melhor não ir pra lá. Se você quer ser bom, vai ter que suar, passar “perrengue”, se dedicar. É no treino que você tem que sofrer pra luta ser fácil. Tá pensando que vai subir no ringue e vai ter moleza? Que o cara vai ter pena de você? Vai é te meter a porrada.

O espaço de treinamento, portanto, é considerado quase sagrado. Outro aspecto importante na cosmovisão dos praticantes *hardcore* de MMA é a antropologia. Novaes (2012, p. 575-576), Alvarez e Marques (2011) mostram que a antropologia e ética que reina e é utilizada recorrentemente como argumento dentro do mundo MMA é a darwinista. Ela afirma que “a noção evolucionista de que somente o mais forte e apto deve sobreviver parece pautar a lógica desse campo”. Há aqui, portanto, uma declaração fundamental para a vida: o ser humano é um animal melhorado, que como os animais, precisa lutar para sobreviver. Essa declaração, para muitos praticantes, é o que valida o MMA como prática de vida. E de fato, como vimos, essa noção é confirmada pelo drama de vitória suada de vários desses lutadores.

O que temos então, a partir dessa análise, do *ethos* da subcultura MMA, especificamente do lado mais *hardcore*? Temos diversos aspectos que podem ser classificados como religiosos, como se pode constatar na tabela abaixo:

Templos	Academias
Proselitismo	Processo de recrutamento
Redenção	Membros recrutados que saem de situação de risco e/ou de vida de bandidagem.
Corpus de ensino	História transmitidas oralmente em reuniões informais.
Valores	Disciplina, força de vontade e esforço.
Senso de comunidade	Muitíssimo forte e intencionalmente cultivado e preservado entre membros de uma mesma academia. Também há um senso de comunidade entre praticantes de diferentes academias.
Guia espiritual	Mestres e lutadores mais experientes, vitoriosos e determinados em sua disciplina.
Ser humano como imagem de Deus	Ser humano como um animal racional que precisa lutar para se estabelecer: sobrevivência do mais forte.

Creio que por todo o aqui exposto, fica claro o aspecto religioso do MMA para os lutadores. Muitos aspectos religiosos se fazem presentes na vida dos praticantes *hardcore* de MMA. Há um valor de templo atribuído às academias e um proselitismo na busca por crianças perdidas que podem ser resgatadas por meio do esporte. Há também um corpus de ensino que é transmitido pelos mestres e praticantes mais experientes aos mais jovens e uma ênfase nos valores e ética que deve caracterizar o praticante. Os mestres funcionam como guias espirituais e, muito claramente, existe uma redenção que o esporte oferece aos seus praticantes. Neste sentido, veja o comentário feito por Novaes (2012, p. 578, 579), nas considerações finais de seu artigo: Não há dúvida que a luta, com tudo o que esta implica (grupo, regras, disciplina, valorização e recompensa) foi um fator redentor e/ou de mudança e/ou salvação para muitos destes homens; assim eles nos falam todo o tempo. Há também um excerto de uma das entrevistas que faz sentido aqui: “Isso aqui é a saída do inferno que a vida por aqui pode se tornar, para muitos desses meninos”. Há, portanto, claramente, o risco de alguém envolvido com esta prática tornar-se um idólatra, extraíndo seu significado e valor do MMA e não do Deus Criador.

MMA COMO UMA RELIGIÃO PARA OS SEUS CONSUMIDORES

Em um lado do mundo MMA existem os praticantes *hardcore*, lutadores profissionais que ganham a vida participando de competições. Do outro lado do espectro temos os consumidores de UFC, aqueles que compram os produtos licenciados, assistem religiosamente as lutas, estudam como fãs o esporte e os seus personagens principais e, eventualmente, tornam-se praticantes *softcore*, normalmente em academias bem estruturadas e ricas. Existe algum aspecto religioso na forma desses consumidores lidarem com o UFC?

Creio que podemos responder positivamente a essa pergunta. Usando o ciclo de culpa-redenção de Keneth Burke, Dane Miller (2010-2011) escreve um artigo em que defende que o negócio UFC tornou-se estimado e valiosíssimo exatamente porque foi criada uma retórica no mesmo que propicia a identificação das pessoas com seus lutadores prediletos e uma redenção de culpa por meio deles. A argumentação de Miller (2010-2011, esp. p. 93-95) é a seguinte: violência e brutalidade fazem parte da natureza do gênero masculino desde sempre. Nossa sociedade, entretanto, reprime e suprime essa violência a fim de construir um mundo habitável para todos. Essa supressão da violência e brutalidade inatas, faz com que o homem sinta-se culpado por não dar vazão a sua completa masculinidade. Neste ponto entra em cena o UFC, usando uma retórica que identifica os lutadores com pessoas comuns, humildes de nascimento e vencedores por meio dos esforços próprios. Essa retórica faz com que o consumidor identifique-se com o seu lutador preferido e tenha-o como redentor de sua culpa. Dessa forma, os lutadores lutam pelo consumidor e tiram sua culpa de não ser tão macho quanto deveria. Veja nas próprias palavras de Miller:

O UFC oferece para os homens, que constituem a grande maioria dos espectadores, uma oportunidade para a vitimização como um meio de aliviar sua culpa. [...] A ideia é que, ao assistir a esses combates e imergindo-se na cultura do MMA, os homens são levados mais em contato com os elementos que são normalmente considerados como tabus da crua e absoluta masculinidade (MILLER, 2010-2011, p. 95).

Assim, o que temos no UFC é uma empresa que sabe explorar o lado religioso do MMA ao identificar lutadores e consumidores e colocar estes lutando em prol da honra masculina perdida daqueles, dirimindo, assim, a sua culpa.

Chever (2009, p. 47), em pesquisa com mais de 2.700 entrevistados, afirma que sua pesquisa demonstra que os espectadores do MMA obtêm uma emoção vicária ao verem o esporte. Isso aponta para o sentimento que os espectadores têm de serem vindicados quando os seus lutadores preferido em uma luta finaliza seu oponente. Outros estudiosos, Alvarez e Marques (2011, p. 11) afirmam que ao ver uma luta de MMA é como se o espectador a pudesse sentir em toda a sua intensidade, como se os lutadores dentro do octógono fossem avatares e extensões do espectador:

Se tomarmos as lutas que acontecem no espaço delimitado para elas, se encaramos o octógono como uma espécie de palco sacralizado, a violência que lá ocorre não pode ser encarada como uma simples briga de rua, mas sim como uma violência simbólica, onde vida e morte são colocadas não como negação uma da outra, mas como complementos indissociáveis. Como cita Morin, a frase de Heráclito “Viver de morte, morrer de vida” é plenamente ilustrativa deste sentimento. Os lutadores, enquanto participantes deste ritual de vida e morte, ora vivendo (ganhando) ora morrendo (sendo derrotados), são os partícipes escolhidos, os avatares sagrados deste ritual, onde não apenas são eles como indivíduos que lá estão postos, mas sim como representantes de um espírito neles depositado. (ALVAREZ, MARQUES 2011, p. 11).

Muitos espectadores de MMA afirmam que o que mais os atrai e entretém nas lutas não é a violência, mas as técnicas utilizadas no esporte. Chever (2009, p. 42), por meio de

pesquisa com mais de 60 perguntas diferentes e variadas chega à conclusão afirma que embora nas perguntas diretas, a técnica aparecesse como maior motivo declarado de assistirem as lutas, nas perguntas interligadas apareceram cinco principais motivos pelos quais os fãs assistem essas lutas. Em primeiro lugar, ganharam os aspectos de violência, como brutalidade, sangue e espancamento; segundo, habilidades e técnica dos lutadores; terceiro, o lado dramático do mais fraco ter condições de vencer o mais forte e de uma luta em curso poder mudar radicalmente; quarto, apreciar as técnicas da escola antiga (agarramentos e finalizações) e quinto, apreciação das técnicas da nova escola (nocautes, luta real). Dessa forma, constata-se que por mais que o discurso politicamente correto faça com que as pessoas afirmem que não apreciam a violência em si, o que acontece, na maioria dos casos, é exatamente isso.

MMA E QUESTÕES DE SAÚDE

Marinho, Del Vecchio e Franchini (2011) fizeram uma análise do perfil neuromuscular de atletas de MMA e o compararam com o de atletas de artes marciais específicas como o Judô, Boxe, Jiu-Jitsu, Caratê, Tae-kwon-do, Kung-fu, Kick-Boxe e Muay-thai. O resultado é que os atletas de MMA apresentaram um perfil neuromuscular baixo, embora o índice de gordura corporal fosse semelhante aos outros esportes (2011, p. 14). Isso sugere que as MMA não são tão efetivas, como esporte que visa a saúde, quanto outras modalidades esportivas.

Há, tanto no Boxe quanto nas MMA, um risco de lesões na cabeça e no pescoço devido ao trauma repetitivo. As lesões são mais possíveis nas MMA pela ausência de proteção à cabeça e pela luva não conter a mesma proteção como acontece no Boxe (BARTSCH e outros, 2012). Bledsoe (2006, p. 138), juntamente com outros estudiosos, após analisar as injúrias resultantes de uma competição que teve 171 combates e 220 participantes chegaram aos seguintes números:

Havia um total de 96 ferimentos em 78 lutadores. Das 171 lutas, 69 (40,3%) terminaram com ao menos um lutador ferido. A média geral de ferimentos foi de 28,6 ferimentos a cada 100 participações, 12,5 ferimentos a cada 100 rounds, ou 3,08 ferimentos a cada 100 minutos de lutas. A maioria dos ferimentos

registrados foi na região da face com lacerações faciais sendo as mais comuns. Ferimentos nas mãos foram o segundo tipo mais comum, contando por 13,5% de todas os ferimentos, seguidos por ferimentos no nariz (10,4%) e olhos (8,3%).

Ainda que desnecessário, por ser evidente, esses dados provam o quão violento o MMA é, mesmo em suas competições oficiais e quais são os danos que a prática corriqueira desse esporte podem trazer aos seus praticantes.

VIOLÊNCIA NA BÍBLIA: UMA BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO

Creio ser possível afirmar que violência na Bíblia é um mal decorrente da queda. Antes da queda imperava shalom, aquele estado em que cada pessoa e coisa criada por Deus cumpria o seu papel de forma perfeita e harmoniosa com todas as demais. Os homens e os animais comiam ervas (Gn 1.29-30) e não havia morte. A queda fez do mundo um lugar violento (vide exemplos da introdução no primeiros capítulos de Gênesis). A razão do dilúvio é apresentada da seguinte forma: *“A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência.”* (Gn 6.11, vide também o verso 13). Assim, pode-se dizer que a visão bíblica é de que a violência é um mal que às vezes faz-se necessário, mas que normalmente caracteriza aqueles que não são do povo de Deus. Veja algumas citações bíblicas sobre a violência:

Salmo 11.5 O SENHOR põe à prova ao justo e ao ímpio; mas, ao que ama a violência, a sua alma o abomina.

Salmo 55.9 Destrói, Senhor, e confunde os seus conselhos, porque vejo violência e contenda na cidade.

Provérbios 3.31 Não tenhas inveja do homem violento, nem sigas nenhum de seus caminhos;

Provérbios 10.11 A boca do justo é manancial de vida, mas na boca dos perversos mora a violência.

Isaías 13.11 Castigarei o mundo por causa da sua maldade e os perversos, por causa da sua iniquidade; farei cessar a arrogância dos atrevidos e abaterei a soberba dos violentos.

Estes textos afirmam que a violência é uma característica do homem perverso, mal, daquele que está distante de Deus. Assim, pode-se afirmar que a queda corrompeu o coração do homem neste quesito, transformando-o em um ser que pratica e se apraz na violência.

Em contrapartida, Deus e seus servos também utilizam violência. O dilúvio (Gn 6), a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19.24-38), as dez pragas do Egito e a morte dos egípcios no mar vermelho (Êx 7 a 14), a morte de Nadabe e Abiú (Lv 10.1-11), as pragas de Deus sobre seu povo (Nm 16; 2Sm 24.14-15), a morte de Uzá (2Sm 6.1-8), a destruição de exércitos e cidades inteiras (Êx 17.10-16; Jz 7; 2Rs 19.35; Is 37.36), a morte de Ananias e Safira (At 5), a morte de alguns cristãos coríntios (1Co 11.30) e o inferno (Mt 8.12; 13.42; Mc 9.47-48; Ap 20.10, 14, 15) são exemplos de atos violentos, desferidos por Deus ou pelo seu povo.

Além de ser uma característica de homens perversos e também uma punição de Deus a estes, existe um terceiro tipo de violência que aparece nas Escrituras: a violência substitutiva. Esta violência é expressa, em primeiro lugar, na morte substitutiva de animais na lei sacrificial: Gn 22.13; Êx 12.12-13; Lv 1.4; 16.21. O ato de colocar as mãos sobre a cabeça do animal e confessar sobre ele os seus pecados era um símbolo da transferência dos pecados para o animal, que posteriormente era sacrificado e queimado em lugar daquele que confessou os pecados. Tal violência substitutiva encontra sua expressão mais plena na morte de Jesus Cristo. Alguns textos que abordam esse aspecto da obra de Cristo são Is 53; Mc 14.24; Lc 22.19; 2Co 1.5; 1Pe 2.21.

Em suma, vimos que a violência na Bíblia aparece em três situações: como característica do ser humano caído, como uma punição de Deus sobre o pecador e como uma punição vicária de Deus sobre algum representante do pecador. Não há, portanto, nas Escrituras, uma visão da violência como entretenimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tem um caráter introdutório em todas as suas partes. Assim, cabe-nos agora, tendo em vista todo o material aqui exposto em caráter introdutório, sugerir

conclusões tentativas. Conclui-se que as MMA são uma manifestação cultural violenta com aspectos religiosos, tanto por parte de seus praticantes quanto dos consumidores.

O MMA pode ser compreendido como uma manifestação religiosa para os lutadores, pois estes comumente colocam sua esperança de redenção de uma condição sócio-cultural baixa na prática do esporte. Para estes as academias são como templos, a tradição oral dos mestres como revelações e o senso de pertencimento deles diz respeito à comunidade dos lutadores.

Para os consumidores, o aspecto religioso apresenta-se na questão do papel vicário que alguns lutadores desempenham em prol daqueles que assistem as lutas. Os consumidores tornam-se vencedores por meio do lutador vencedor e expressam sua própria violência por meio do ato de assistir e torcer.

Portanto, devido ao aspecto da violência gratuita na qual não se deve ter prazer e devido também aos aspectos que transformam as MMA em religião para tantos praticantes e consumidores, creio ser possível afirmar que um cristão não deveria envolver-se de nenhum a forma com a prática desse esporte. Não creio que tal envolvimento seja agradável a Deus.

Certamente, esta pesquisa seminal precisa ser aprofundada em muitos aspectos. Certamente é preciso fazer uma análise das artes marciais específicas, bem como de outros esportes de luta. Da mesma forma, é necessário fazer uma análise mais profunda da sociologia e da antropologia envolvidas nas Artes Marciais Mistas. Por fim, é mister que se faça um levantamento mais profundo da teologia da violência que podemos encontrar nas Escrituras.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, William. CHEUNG, Mei. Una visión histórica de las artes marciales mixtas en China.

Revista de Artes Marciales Asiáticas, v. 6, n. 2, p. 29-44, 2011.

AGUILERA L., Guillermo C. Artes Marciales Mixtas: vale todo... o casi. **Contenido**. p. 100-102, Septiembre 2012.

ALVAREZ, Fábio de Lima. MARQUES, José Carlos. Breves Questionamentos Sobre o Fenômeno Midiático do MMA – Mixed Martial Arts (Artes Marciais Mistas): uma Proposta de Estudo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.

ALVAREZ, Fábio de Lima. MARQUES, José Carlos. MMA e a Busca de Identidade em uma Cultura em Vias de Globalização. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012.

BARTSCH, Adam J. BENZEL, Edward C. MIELE, Vincent J. MORR, Douglas R. PRAKASH, Vikas. Boxing and mixed martial arts: preliminary traumatic neuromechanical injury risk analyses from laboratory impact dosage data. **J Neurosurg**, v. 116, p. 1070–1080, 2012.

BLEDSON, Gregory H. HSU, Edbert B. GRABOWSKI, Jurek George. BRILL, Justin D., LI, Guohua. Incidence of Injury in Professional Mixed Martial Arts Competitions. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 5, p. 136-142, 2006.

CARTER, John. Sports and Violence: Is it ethical for Christians to participate in or watch cage fighting? It's Imprudent. The Village Green: Leading Christians address open questions. **Christianity Today**, p. 56, January 2012.

CHEEVER, Nancy. The Uses and Gratifications of Viewing Mixed Martial Arts. **Journal of Sports Media**, v. 4, n. 1, 2009, p. 25-53.

KLUCK, Tedd. Sports and Violence: Is it ethical for Christians to participate in or watch cage fighting? It's Like Life. The Village Green: Leading Christians address open questions. **Christianity Today**, p. 56-57, January 2012.

MARINHO, Bruno Ferreira, DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo, FRANCHINI, Emerson. Condición física y perfil antropométrico de atletas de artes marciales mixtas. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, v. 6, n. 2, p. 7-18, 2011.

MARTY, Martin E. Blood sport. M.E.M.O. **Christian Century**. November 27, p. 47, 2007.

MESSNER, M.A., DUNBAR M., and HUNT D., The televised sports manhood formula. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 24, n. 4, 2000, p. 380–394.

MILLER, Dane. A Real Man's Game: Manipulations of Guilt and Rhetorical Displays of Masculinity by the UFC. **Comm-entary: The UNH Student Journal of Communication**. 2010-2011, p. 92-101.

MORIN, Matt. Sports and Violence: Is it ethical for Christians to participate in or watch cage fighting? It's Not God Honoring. The Village Green: Leading Christians address open questions. **Christianity Today**, p. 56-57, January 2012.

NOVAES, Joana de Vilhena. Bateu, Levou! O que Dizem os Lutadores de MMA. **Polêm!ca**, v. 11, . n. 4, outubro/dezembro 2012, 568-580.

SCHROTH, Raymond A. Batter the bod till it bleeds: Mixed martial arts is a new form of the old sport of boxing. **National Catholic Reporter**, p. 18, September 5, 2006.

SILVEIRA, Isabel da Costa. A Luta por Uma Identidade: Uma Etnografia sobre a subcultura de consumo de MMA. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.